

Seção Temática

Sindicalismo de Trabalhadores(as) rurais no Brasil: transformações, permanências e os 60 anos da Contag

Contag: 60 anos de um sindicalismo em movimento

CONTAG: 60 years of unionism in motion

 **Ricardo Braga Brito**¹

 https://doi.org/10.36920/esa31-2_15

Resumo: Resenha do livro *Contag: 1963-2023*. Ações de reprodução social e formas de ações coletiva, de Marco Antonio Teixeira.

Palavras-chave: resenha; Contag.

Abstract: Review of the book *Contag: 1963-2023*. Ações de reprodução social e formas de ações coletiva, by Marco Antonio Teixeira.

Keywords: review; CONTAG.

¹ Pós-doutorando no Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Membro do Núcleo de Pesquisa, Documentação e Referência sobre Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo (NMSPP/CPDA/UFRRJ), do Grupo de Pesquisa “Conflitos, movimentos sociais e representação política” e da Comissão Camponesa da Verdade. E-mail: ricardobraga.brito@gmail.com.

TEIXEIRA, Marco Antonio. *Contag: 1963-2023. Ações de reprodução social e formas de ações coletivas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2023. 448 p.

Apesar de completar 60 anos em dezembro de 2023, ainda são poucas as análises sobre a Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (Contag; até 2015 a sigla correspondia à Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura). A publicação do livro *Contag: 1963-2023. Ações de reprodução social e formas de ações coletivas*, de Marco Antonio Teixeira, contribui para reconstituir um histórico da confederação e do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR), sinalizando seu protagonismo. Sua publicação é parte da celebração dos 60 anos da Contag, sendo uma importante contribuição acadêmica e política ao debate sobre o sindicalismo no Brasil, intensificada pela qualidade original da pesquisa em termos empíricos e na construção do quadro teórico. O livro é fruto da tese de doutorado do autor, defendida em 2018, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP/UERJ), trabalho que ganhou o prêmio Maria de Nazareth Baudel Wanderley da Rede de Estudos Rurais em 2021.

A obra conta com um prefácio sobre a construção de uma pesquisa a partir de dentro da Contag, escrito por Leonilde Servolo de Medeiros, referência na análise sobre movimentos sociais e sindical de trabalhadores(as) rurais no Brasil. Em seguida, o autor apresenta a si mesmo, indicando suas motivações e trajetória de pesquisa e assessoria na Contag. O livro está dividido em uma introdução, com as reflexões teórico-metodológicas, quatro capítulos, que traçam e analisam a experiência da Contag entre 1963 e 2015, período em que se centrou a pesquisa de doutorado do autor, e um posfácio sobre os anos de 2015 a 2023. Ao final, estão três anexos com a sistematização de atores e tipologia das ações.

O objeto central do livro é a trajetória da Contag, apreendendo o acúmulo de lutas políticas e o aprendizado do fazer-se da e na Confederação. A pesquisa

aproxima suas ações, concepções e formas de organização a partir da leitura dos momentos políticos e suas possibilidades realizada pelos atores e atrizes sociais que a compõem, pensam e fazem, entendendo a si mesmos como movimento social e sindical. Para apreender a complexidade das formas de ação dos movimentos, o autor coloca em diálogo as teorias sobre ação coletiva e as teorias feministas sobre reprodução social, superando a centralidade comumente dada às ações públicas dos movimentos, tais como greves, ocupações de terra e de espaços públicos e marchas. Na metáfora que mobiliza, essas ações são a ponta do iceberg: elas revelam a parte visível, as reivindicações que são tornadas públicas e normalmente apontam para situações de conflito e interlocução com o Estado. Contudo, essas ações são construídas com ações que têm menos visibilidade, com as quais se consolidam a identidade do movimento, suas pautas, consensos mínimos, formas de organização, táticas e meios de capilarização. Entendendo as formas de ação coletiva e de reprodução de modo integrado, Teixeira apreende o objeto em sua totalidade e especificidade, dando grande contribuição às pesquisas sobre movimentos sociais.

Esse enquadramento teórico se constitui em conjunto com a análise de farto material documental produzido pela Contag, entrevistas realizadas com dirigentes e assessores(as) sindicais e observação participante, além de leitura crítica da bibliografia. Deste modo, se construiu um quadro mais complexo da atuação e vivência da Contag e do MSTTR. No Capítulo 1, acompanhamos a trajetória da Confederação, desde as lutas camponesas dos anos 1950 até sua dissociação sindical em 2015. O Capítulo 2 analisa as formas de reprodução social, centrando-se nos congressos e nas discussões internas da Confederação. No Capítulo 3, vemos as formas de ação coletiva, compreendendo as formas de luta com base na legislação e ações públicas como o ciclo de greves de trabalhadores(as) rurais do setor canavieiro (1979-1985) e o Grito da Terra Brasil realizado a partir de 1994. O último capítulo integra as formas de ação coletiva e de reprodução social, analisando as Marchas das Margaridas realizadas entre 2000 e 2015. Por fim, o posfácio estende a análise para as percepções e atuações durante as mudanças vividas após o golpe de 2016, as

políticas neoliberais de Temer e Bolsonaro, a pandemia de Covid-19 e a eleição para o terceiro governo de Lula em 2023.

A proposição teórica do autor busca apreender os consensos criados. A opção, ainda que secundarize as tensões e conflitos internos, tem o efeito de esclarecer como se constitui a unidade da Contag. Ao longo do tempo, a Confederação se caracterizou mais pela construção de relações de diálogo, cooperação e parceria com o Estado do que pelo confronto. Essa característica foi comumente desqualificada como “pelega” e “pouco combativa”, qualificativos que contêm matrizes de análise que valorizam ações consideradas mais radicais e que ignoram a miríade de atividades realizadas pela Contag na estruturação e capilarização do sindicalismo rural e suas bandeiras de luta. Ignora, portanto, uma leitura do mundo e do Brasil que caracterizou uma ação sindical fundada num período de intensificação das mobilizações sociais no Brasil, mas cuja atuação de seus dirigentes e assessores(as) sindicais foi atravessada por períodos de intensa repressão e violência protagonizadas pelo Estado, grandes proprietários de terra, empresários e grileiros.

A partir de uma sociogênese da Contag, feita com sensibilidade às formas de ação, observamos o acúmulo de lutas políticas que articularam a diversidade de trabalhadores(as) rurais. Em cada momento histórico se observa o protagonismo e a leitura política da Contag, seja ao longo da ditadura empresarial-militar, no processo de redemocratização e realização de ações coletivas de massa, em sua reestruturação, nas ações públicas de reivindicação e articulação de demandas e bandeiras de luta até a dissociação sindical e opção pela representação da categoria de agricultores(as) familiares. Em cada período acompanhamos as discussões realizadas nos Congressos Nacionais e nos cursos de formação. Nesses encontros é formada e reproduzida a Contag, a partir das discussões das reivindicações e estratégias de mobilização, da socialização das experiências e realidades locais tão diversas e da constituição das identidades e redes de solidariedade. Essas discussões tensionam e questionam os próprios limites do movimento sindical e são atravessadas pelo contexto político e pelo peso que o protagonismo de alguns atores sociais assume. Se dos anos 1950 aos 1980, posseiros, lavradores e trabalhadores(as) rurais eram as principais categorias articuladas nas bandeiras de reforma agrária e direitos trabalhistas, a

partir de 1990 a categoria agricultura familiar ganhou mais espaço. Ao ir assumindo sua representação, sem excluir uma concepção classista, também se aprofunda o projeto político e de transformação social proposto em contraposição à hegemonia do agronegócio e seu modelo exportador e de expropriação do trabalho e recursos naturais. É possível observar o peso dessa trajetória no livro. Em sua análise, o autor privilegiou as bandeiras de luta por direitos e reconhecimento da agricultura familiar, secundarizando a questão da reforma agrária.

Outro protagonismo está na atuação fundamental das mulheres trabalhadoras rurais dentro do MSTTR e da Contag. Trabalhadoras, assessoras, lideranças e dirigentes sindicais vêm conquistando, desde os anos 1980, mais espaço e voz, a ponto de construir a Marcha das Margaridas, cujo nome é uma homenagem a Margarida Maria Alves, liderança sindical paraibana assassinada em 1983. A Marcha é, hoje, a maior ação de mulheres do campo, das águas e da floresta da América Latina. Reflexões sobre a necessidade de criar condições para ampliar a participação política das mulheres na vida sindical e reconhecer o seu papel político e produtivo precederam a Marcha. O contínuo processo de socialização e organização das mulheres trabalhadoras rurais no interior dos sindicatos, federações e confederação constrói a sua percepção e demanda como sujeitos políticos que elaboram um projeto de transformação, com outro modelo de organização da sociedade e da produção que articula agroecologia, bem viver e uma diversidade de identidades.

Por fim, esse objeto complexo suscita algumas reflexões sobre sua agência. Na apresentação do autor e em relatos de dirigentes e assessores(as), a trajetória de engajamento no sindicalismo rural representa um processo de aproximação constante e mútuo entre sujeito e objeto, que costura ambos. É na relação íntima com o objeto e a diversidade de relações sociais, estabelecidas pelas ações coletivas e de reprodução social, que se constrói a síntese. O engajamento e a transformação de si em meio ao contato com a Contag e o MSTTR relatados indicam uma pedagogia da luta que se constitui no fazer-se das trabalhadoras(es) rurais em suas várias categorias e identidades. Por meio da vivência nas ações de reprodução social se faz a solidariedade, impactada pelas

ações coletivas. Integradas, entende-se o efeito da organização, reflexão e discussão sistemáticas e coletivas na transformação de uma vida, no acúmulo de experiências de luta e de mudança no interior do movimento sindical. Essa mudança é mais desafiadora na medida em que os atores e atrizes se colocam de frente às estruturas de dominação e exploração que nos formam e que reinstituem maneiras de produção e reprodução marcadas por desigualdades várias. E esse desafio é mais difícil se não há aquelas(es) com quem se marcha junto, com quem se encontra e se constrói a força.

Como aponta o autor, ecoando o que escutou de assessores(as) e dirigentes: você sai atravessado da experiência de contato íntimo com a Contag.

Referências

TEIXEIRA, Marco Antonio. *Contag: 1963-2023. Ações de reprodução social e formas de ações coletivas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

Como citar

BRITO, Ricardo Braga. *Contag: 60 anos de um sindicalismo em movimento*.

Resenha do livro *Contag: 1963-2023. Ações de reprodução social e formas de ações coletivas*, de Marco Antonio Teixeira. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, e2331215, 27 nov. 2023. DOI: https://doi.org/10.36920/esa31-2_15.



Creative Commons License. This is an Open Access article, distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License CC BY 4.0 which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium. You must give appropriate credit, provide a link to the license, and indicate if changes were made.